

# Cadernos Espinosanos

número especial sobre Leibniz



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 34 jan-jun 2016 ISSN 1413-6651



## DUAS CARTAS DE LEIBNIZ A SPARVENFELD

Tradução e notas:

Juliana Cecci Silva

Professora ms., Universidade Tirandentes, Alagoas, Brasil

[julianacecci@yahoo.com.br](mailto:julianacecci@yahoo.com.br)

William de Siqueira Piauí

Professor dr., Universidade Federal de Sergipe, Alagoas, Brasil

[piauiusp@gmail.com](mailto:piauiusp@gmail.com)

A pretensão de Piasecius e de Praetorius em seu *Orbis Gothicus*<sup>2</sup> e de alguns outros que acreditavam que os godos foram sármatas ou eslavos é ridícula e você julga muito bem, Sr. [Sparvenfeld], que todos estes povos foram germânicos conferindo à essa denominação (*appellation*)<sup>3</sup> toda a abrangência que lhe conferia Tácito<sup>4</sup>, e que a conexão das línguas requer. Pois, como você observa muito bem: o antigo alemão esteve mais próximo ao sueco. Um sábio amigo<sup>5</sup> me fez observar que *Han* (*ille*) e *Hon* (para nós *Hun*) (*illa*) se tornaram, entre os alemães, os nomes do galo e da galinha, tendo em vista que originariamente eles eram artigos, como ainda o são para vocês [, suecos]. Daí que não devemos nos espantar tanto com o fato de ainda hoje, em algumas províncias da Alemanha, o pássaro macho ser chamado de *Hahn* e a fêmea de *Sihe*. Acontece que *He und Sie*, como diz o povo (isso é, *Er und Sie* segundo o estilo moderno do qual nos servimos ao escrever), é *ille* e *illa*<sup>6</sup>. Eu incentivei um amigo a trabalhar em um *Glossarium Saxonicum*<sup>7</sup>. Ele investiga muitas palavras antigas a partir dos manuscritos e da linguagem do povo; a isso ele acrescenta o *Lexicum Scandicum* de Verelius<sup>8</sup>, bem como os dicionários anglo-saxônicos e conta com contribuições do Norte. Sou da opinião que as línguas são úteis principalmente para conhecermos a conexão das nações<sup>9</sup>. Mas todos aqueles que pretendem extrair algo de valor de alguns dialetos<sup>10</sup> novos específicos, como Goropius<sup>11</sup> do flamengo moderno e [Matthaeus] Praetorius do polonês, zombam de nós, ou farão com que sejam zombados. O sueco é para nós [, alemães,] de certo modo aquilo que o islandês é para vocês [, suecos]; pois quanto mais os países estão afastados, melhor conservam as antigas línguas. Seria bom, entretanto, aprofundar-se também nas línguas eslavas; parece que você, Sr. [Sparvenfeld], já o fez tendo lançado luz inclusive às trevas, isso é,

aos moscovitas<sup>12</sup>. Com efeito, uma das coisas que me causa espanto é o fato de povos vizinhos frequentemente possuírem línguas tão diferentes; é o caso dos germanos e dos eslavos. Pode ser que os antigos povos que estavam entre os dois e que faziam uma passagem menos abrupta de uma língua a outra tenham sido exterminados. O que os eslavos têm em comum entre eles e em comparação aos povos germanos (excetuo os termos das artes e semelhantes acepções modernas tomadas da Alemanha) deve parecer ainda mais antigo. Como, por exemplo, teu *Van* ou *Fan*, que também está no *Codex Argenteus*<sup>13</sup>, e o *Pan* dos croatas ou outros eslavos, pois, o que hoje significa *diabo* para vocês, aparentemente significava um deus ou senhor para os seus ancestrais, mais ou menos como o demônio dos gregos é considerado hoje pela parte má. A língua de Biscaia<sup>14</sup> também me causou surpresa, sendo tão diferente das outras línguas modernas da Europa, bem mais que a língua do País de Gales que muito se aproxima da germânica.

Estou muito satisfeito em saber que a linguagem dos samoiedos é próxima da dos lapões. Eu gostaria de poder saber algo mais sobre a língua dos calmucos, dos mongóis e do Turquistão, e de outros povos cíticos. Talvez seja possível obter amostras disso por intermédio dos mercadores que traficam entre os moscovitas. Os eruditos falaram muito do parentesco do persa com o germânico, mas querendo examiná-lo de perto, descobri as palavras semelhantes em menor número do que eu acreditara<sup>15</sup>. É verdade que, nos casos em que não se conhece as línguas a fundo, normalmente não seria possível fazer com que as semelhanças surgissem. Os viajantes asseguram que existem províncias que ainda falam o antigo persa, [que é] bem diferente do moderno, mas talvez seja apenas um outro dialeto. Sem dúvida, você terá motivos para julgar, Sr. [Sparvenfeld], que a língua do Turquistão deve ser bastante universal<sup>16</sup>, e

bastante próxima da crítica, mas não sei se, com essa palavra crítica, na qual você diz que muitas palavras góticas também se encontram, você [não] quer dizer alguma língua moderna.

O público ficará contente de ver um dia seu mapa da Sibéria e eu lhe sou grato quanto àquele que você me enviou com antecedência. Não podemos saber por intermédio dos moscovitas se o mar faz fronteira com a Tartária<sup>17</sup>? Tendo mais a afirmar isso do que a acreditar que este país se liga à América.

Por você ter tamanho conhecimento das línguas, peço-lhe que me diga algo sobre as consequências que tira disso para as origens das nações<sup>18</sup>. O Sr. Bengt Skytte<sup>19</sup> me disse um dia que ele reunira as raízes de um grande número de línguas, mas eu não sei se isso se perdeu. O Sr. Sternhielm<sup>20</sup> tinha intenções semelhantes. É uma grande questão se a sua Suécia foi habitada antes que a nossa Alemanha<sup>21</sup>. Se a terra foi inundada, os países das montanhas, ao que tudo indica, teriam sido habitados mais prontamente. Mas talvez isso esteja num passado muito longínquo. E quanto ao que se aproxima mais dos nossos conhecimentos, os povos germânicos da Escandinávia parecem ter vindo da Alemanha e, em seguida, ter passado na Suécia e na Noruega, de onde expulsaram os habitantes anteriores, os quais, aparentemente, eram de uma nação próxima a dos finos e lapões – com os quais têm parentesco – e parecem ter sido os *indigenae septentrionis*<sup>22</sup>. Mas, em troca, o Norte nos deixou desde essa época colônias, e pode ser que nossos saxões tenham sido normandos<sup>23</sup> de origem, ainda mais que o antigo dialeto saxão é extremamente próximo daquele do Norte. Você mesmo o reconheceu em muitas palavras do antigo alemão, e se tiver alguma coletânea desses [antigos vocábulos]<sup>24</sup>, eu lhe pedirei um dia.

HANÔVER, 7 DE ABRIL DE 1699

[Sinopse] I. De uma gramática eslava (*Slavonique*). II. Do Sr. Clauberg. III. Do Sr. de la Neville. IV. Das tabelas harmônicas das letras e pronúncias das diversas línguas. V. Do Thomas Smith. VI. Do Sr. Schilter e da origem das letras rúnicas. VII. Da história antiga dos celtas. VIII. Do Sr. Rudbeck. IX. Da arte de decifrar letras.

I. Devo lhe informar [, Sr. Sparvenfeld,] que a pessoa que recomendei está indo ao seu encontro. Espero que você fique satisfeito com isso; e lhe expliquei as coisas como se deve. Ele parece ser um rapaz bom e prestativo; conhece bastante latim segundo o costume dos húngaros e poloneses, e até alguma coisa mais; além disso, ele é bem versado em música<sup>25</sup>. Eu disse a ele que você é curioso no que diz respeito às línguas eslavas (*Esclavonnes*), e o senhor Smith<sup>26</sup> acrescentou que você sabe trabalhar nisso, e que, portanto, ele poderia lhe ser útil, também nessa outra coisa. O mesmo Sr. Smith também quer lhe entregar uma carta, e aprova minha recomendação. Se você lhe fornecer do que viver, e algo mais que o necessário, ele ficará satisfeito, na esperança de que com sua recomendação ele até possa um dia conseguir algum emprego ou ascensão. Ele lhe trará o resto do [livro de] Bohorič e a gramática eslava (*Slavonique*) ou [de] caracteres russos<sup>27</sup>, dos quais eu lhe tinha enviado o título, com um outro livreto gramatical dessa natureza e de mesmo caracteres. Mas como essa gramática eslava (*Slavonique*) assim como esse livreto não me pertencem, será gentil de sua parte me devolvê-los um dia, quando não mais fizer uso deles.

II. Envio-lhe também uma cópia do livreto de Clauberg<sup>28</sup>, célebre filósofo cartesiano e professor de Teologia na universidade de Duisburg no distrito de Cleves, que quis se dedicar às origens da língua alemã, e para tanto deu esse exemplar o qual efetivamente mostra que ele era capaz de produzir algo belo a esse respeito; uma vez que de modo algum ele diz coisas quiméricas nem se arrisca [a dizer].

III. O Nomenclador é estritamente russo, e se refere ao que é corrente em Moscou; é por isso que eu não lho envio. Mas não sei qual é a língua local da qual você diz que, se é dela que ele [o Nomenclador,] trata, devo enviá-lo a você. O livro impresso do Sr. de la Neville (já falecido)<sup>29</sup> não contém nada além do manuscrito com exceção à mera dedicatória ao rei da França, a qual revela as intenções do autor, e que ele foi a Moscou como enviado da Polônia só de fachada, mas que na verdade era emissário da França; o que prejudica um pouco a memória do falecido rei da Polônia por, embora fosse aliado do imperador, tê-lo apoiado nisso. Isso faz supor que o Sr. de la Neville diz a verdade, o que, no entanto, não me parece muito garantido, pois ouvi dizer que ele era um pouco falador.

IV. Você me força, Sr. [Sparvenfeld]<sup>30</sup>, a emitir e a divulgar uma tabela harmônica das letras e pronúncias das línguas eslavas (*Esclavonnes*), comparadas com o latim e outras línguas. Não tenho agora o livro do senhor Meninski<sup>31</sup> a mão, que está em Wolfenbuttel<sup>32</sup> e não aqui; por isso não saberia dizer se a tabela está como a pretendo. Para fazer melhor, acredito que seria preciso duas tabelas; uma [A] seria a dos sons explicados pelos caracteres de um mesmo som, mas de diferentes línguas colocadas juntas; a outra [B] seria aquela dos caracteres ou letras explicadas pelos diferentes sons, como elas [, as letras,] significam em diferentes línguas. Portanto, na primeira [A] a base consistiria nos sons explicados em uma

língua conhecida, que deveria ser substituída, quando necessário, por uma outra língua comum, nas ocasiões em que a mesma for defeituosa. Mas o que seria acrescentado a essa base compreenderia os caracteres ou as maneiras com que diversos povos escrevem esse som. Na segunda tabela [B] a base consistiria nas letras e, em seguida, explicar-se-ia o que a letra significa para uns e para outros. Na primeira tabela dir-se-ia, por exemplo:

*u italica scribitur per u, gallis per ou, anglis per u, batavis per oe, graecis per w.*

*ü gallis per u, graecis per v.*

Na segunda tabela dir-se-ia, [por exemplo]:

*u significat idem apud Italos (nempe quod apud Germanos) sed apud Gallos eadem littera significat ü (seu quod apud Germanos ü).*

*ou Gallis idem significat quod Germanis u<sup>33</sup>.*

Vê-se a partir disso que a segunda tabela só é para as línguas escritas com caracteres latinos ou próximos. Seria de se desejar que fosse encontrado um meio de escrever tudo em caracteres latinos, o que poderia ser feito com o seu enriquecimento, assim como os judeus escrevem de tudo em seus caracteres; isso diminuiria extremamente o trabalho de aprender ademais o uso dos caracteres próprios de cada povo; ao menos deveríamos reproduzir todos os caracteres orientais hebraicos assim como os judeus escrevem o árabe: deveríamos fazê-lo ao menos nos livros feitos para os principiantes; para que de nenhum modo sua dificuldade fosse dobrada. Mas, voltando às tabelas, é verdade que ao ter uma dessas tabelas podemos deduzir dela também a outra: mas é bom ter as duas; a primeira servindo para escrever nos caracteres

das outras línguas aquilo que pronunciamos; a segunda servindo para pronunciar aquilo que vemos escrito nos caracteres das outras línguas. Quando não encontramos letras latinas que fazem uma correspondência exata, precisamos nos empenhar tanto quanto é possível para explicar, e mesmo enriquecer ou diversificar os caracteres, assim como os ciganos e os poloneses, embora tenham feito de uma maneira pouco conveniente.

v. O jovem Sr. Benzelius<sup>34</sup> escreveu-me que partiria para continuar suas viagens, e que esperava estar em breve na Inglaterra, onde queria entregar ao Sr. Thomas Smith, teólogo inglês (conhecido por aquilo que fez pela Igreja grega e [por] outras obras), aquilo que eu lhe pedi para lhe dar. Verei se ele me trará novidades.

vi. Disseram-me que o Sr. Schilter em Estrasburgo não vai bem de saúde e, como está velho, temo que sua edição de Notker e Otfried não fique para trás<sup>35</sup>. Se, no entanto, ela for publicada, não deixarei de lhe enviar. O Sr. Schilter se serve ainda dos evangelhos góticos de Úlfilas<sup>36</sup>, do anglo-saxão, e também do islandês, como de outros velhos livros e glossários; porquanto é preciso reunir os diferentes dialetos de todos os povos teutônicos para explicar os velhos livros. É uma pena que os manuscritos de Franciscus Junius<sup>37</sup> não estejam nem em parte publicados; [apenas] conservados na Inglaterra. O Sr. Celsius fez com que fosse impresso algo da descoberta de seu pai no tocante às letras rúnicas helsinguianas<sup>38</sup>. Creio que elas se originaram do fato de terem pretendido poupar o trabalho nas pedras, omitindo os traços principais, como se pudessem sempre ser subentendidos. Creio que os baixobretões têm razão em sustentar que a sua língua e a do País de Gales mais se aproximam da antiga gaulesa. Envio-lhe aqui uma carta que um francês escreveu a respeito de uma obra que pretende tornar pública sobre a origem das nações<sup>39</sup>. Ficarei muito satisfeito em ter sua opinião

sobre esta carta; e não seria mal se você pudesse comunicá-la ao Sr. Rudbeck<sup>40</sup> para ter a sua.

vii. Os celtas antigos compreendem os germanos e os gauleses. Acredito que gálatas e *keltes*<sup>41</sup> (pois eram pronunciados assim) era uma mesma coisa. Sempre achei que as guerras dos titãs e dos gigantes com os deuses não significavam senão as irrupções dos citas ou celtas na Ásia ou na Grécia, governadas por reis que desde então foram chamados de deuses<sup>42</sup>. E Prometeu, preso ao monte Cáucaso, não significa senão a exclusão dos povos citas pelas tropas colocadas nas portas caspianas para defendê-las; e Prometeu estava entre os Titãs, como nesse verso:

*De meliora luto finxit praecordia Titan*<sup>43</sup>

Mas não sei se isso tem a ver com os celtas, que aparentemente não estavam mais na Cítia nesse momento. Além do mais, se pudéssemos inferir as verdades históricas a partir das antigas mitologias, como aquele francês promete, isso seria muito bom; mas a coisa me parece extremamente difícil por causa das licenças que os poetas se dão, que confundiram tudo a tal ponto que quase não saberíamos mais distinguir o verdadeiro do falso. É como se a verdadeira história estivesse perdida, e que quisessem restabelecê-la a partir dos romanos. Tenho muito medo que o mesmo aconteça com tuas Edas e Sagas, e com as histórias antigas dos francos conforme Trithemius, com os escoceses e com outras histórias peculiares de alguns povos, quando elas pouco combinam com as histórias dos outros povos. Desse modo, eu não acreditaria, por exemplo, no que um autor local relatasse, muito tempo depois, com base em canções, tradições ou contos populares<sup>44</sup> a respeito dos reis dinamarqueses.

VIII. No mais, é divertido ver como cada um quer tudo inferir de sua língua ou daquela pela qual tem afeição. Goropius Becanus<sup>45</sup> e Rodornius<sup>46</sup> do alemão (sem distinguir as novas inflexões daquilo que é da antiga língua); Rudbeck do escandinavo; um tal Otrroski<sup>47</sup> do húngaro; aquele abade francês (o que nos promete as origens das nações) do baixo-bretão ou cambriano, Praetorius<sup>48</sup> (autor do *Orbis Gothicus*) do polonês ou eslavônio (*Esclavon*); Thomassin<sup>49</sup> seguindo muitos outros, e inclusive Bochart<sup>50</sup> do hebraico ou fenício; Ericus<sup>51</sup>, [um] alemão estabelecido em Veneza, do grego. E acredito que se um dia os turcos ou tártaros se tornarem eruditos à nossa maneira, eles encontrarão em sua língua e em sua terra palavras ou alusões a partir das quais provarão, com o mesmo direito que o senhor Rudbeck, que os argonautas, Hércules, Ulisses e outros heróis estiveram entre eles, e que os deuses saíram de sua terra e de sua nação. Eles encontrarão muitas passagens dos antigos favoráveis à sua hipótese. Mas, acima de tudo, eles vão querer reivindicar para si os hiperbóreos que o Sr. Rudbeck lhes retira. Pois, de fato, existem passagens dos antigos que localizam os hiperbóreos rumo ao Norte oriental. A verdade é que os antigos falavam confusa e contraditoriamente das coisas das quais eles mesmos não sabiam mais no momento em que escreviam, de modo que sua autoridade nessas coisas obscuras é mais ou menos como as regras da astrologia das quais podemos inferir tudo aquilo que quisermos, principalmente depois do ocorrido.

IX. É forçoso, Sr. [Sparvenfeld], que eu lhe comunique um pensamento que me veio ao espírito. Como os meus [pensamentos] giram muito em torno do bem público, e particularmente do avanço das ciências, faço o esforço necessário, quando posso, de impedir que descobertas úteis se percam. A arte de decifrar é uma das maiores

amostras do espírito humano. Tenho um amigo que seguramente é um dos primeiros na Europa a esse respeito, e que em muitos encontros deu provas disso que me causaram admiração<sup>52</sup>. Muitas vezes lhe aconselhei em minhas cartas quanto à necessidade disso ser publicado, mas ele não se decidiu por isso. Propus-lhe, então, que instruisse jovens alunos, mas como ele tem outros empregos honrosos, relutou em se dar a esse trabalho alegando que a arte não pode absolutamente ser reduzida a regras; e que seria preciso jovens que tivessem ao mesmo tempo gênio e assiduidade, o que é raro encontrar. Lhe respondi que reconhecço não existirem quaisquer regras gerais nessa arte, mas que um meio de instruir um moço capaz seria [o] de conduzi-lo por exemplos, e de lhe mostrar, em um bom número de escritos já resolvidos, por quais vias ou maneiras se conseguiu decifrá-los. Isso bastaria para abrir o espírito de um jovem aluno perspicaz e para impedir que tais belas descobertas se perdessem. Adverti-o, ao mesmo tempo, que não só sua glória tem interesse nisso, e que ele se tornaria imortal por meio disso, mas também que é obrigatório evitar a todo custo que se perca o que é tão útil. Ele se rendeu às minhas razões, mas duvida que se encontrem jovens que queiram se dar a esse trabalho e que ao mesmo tempo estejam aptos a isso. Meu pensamento é que algum grande príncipe teria de fazer com que algum rapaz fosse escolhido e instruído nesta arte, do qual, em seguida, ele pudesse se servir, porque essa é uma questão bastante importante para os príncipes. Nossas cortes não se preocupam muito com essas coisas, e a sua me veio ao espírito. Seria preciso algum rapaz com um talento natural para a assiduidade e para os códigos e que, ao mesmo tempo, não carecesse de erudição (uma vez que tudo isso seria preciso para um tal emprego). Se tal não fosse encontrado agora, eu poderia propor um homem excelente, e isso não seria uma pequena ajuda nem um pequeno ornamento em uma corte para decifrar cartas

interceptadas, seja por nós seja por nossos amigos e aliados. Sabemos que não é possível de tudo decifrar, mas a maioria dos códigos usados ordinariamente é decifrável, contanto que a carta a ser decifrada não seja curta demais. Tudo aquilo que vi e ouvi do Sr. Block<sup>53</sup> me fez julgar que é um homem correto, que merece ser favorecido. Rogo-lhe, além disso, que se lembre 1) do rapaz trabalhador, parente do Sr. Brenner<sup>54</sup>, 2) daquele rapaz que pode fazer grandes cálculos de cabeça, e 3) das cartas de Cirilo Lukaris ao chanceler Axel Oxenstierna<sup>55</sup>. Ainda não soube nada do Sr. Ceke<sup>56</sup>, mas continuarei me informando. O fato do Czar<sup>57</sup> só ter feito uma trégua de dois anos com os turcos, isso mais o que o Sr. Witsen<sup>58</sup> me escreveu, faz-me ter esperança de que seu plano não é contra a Suécia, mas antes contra os infiéis. Mais tua grande embaixada vai ficar mais bem esclarecida quanto a isso. O Sr. Witsen me fez saber por carta que a última caravana dos moscovitas, vinda de Pequim há pouco, trouxe a notícia de que o imperador da China morreu, e que seu filho lhe sucedeu, mas não sem grandes confusões<sup>59</sup>; eu escrevi sobre isso ao responsável das missões da França; este padre está alarmado, mas ainda tenho esperança de que a notícia seja falsa, [e] suspeitas aquelas dos moscovitas.

1 Apresentamos aqui a tradução de duas cartas do filósofo alemão G. W. Leibniz (1646-1716) ao linguista sueco Johan Gabriel Sparvenfeld (ou Sparwenfeldt, 1655-1727) datadas de 6 de dezembro de 1695 e 7 de abril de 1699. A importância dessas cartas se deve, sobretudo, à busca de evidências para a defesa, por parte do alemão, da hipótese segundo a qual as origens das nações podem ser compreendidas a partir das línguas ou das muitas diferenças entre a ciência de raciocinar, de julgar e inventar e as etimologias das palavras ou uso das línguas. Hipótese e diferenciação que motivarão não apenas essas, mas muitas outras cartas de Leibniz e, do mesmo modo, como se poderá verificar no decorrer das notas, principalmente parte de outros de seus trabalhos mais importantes; tais como os capítulos I e II, do livro III (*Des Mots*) dos *Nouveaux essais sur l'entendement humain* (doravante *N.E.*), de 1704, os §§ 136-143 dos *Essais de Teodicée* (doravante *Teodiceia*), o *Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indicio linguarum* (*Breve plano das reflexões sobre as origens dos povos traçado principalmente a partir das indicações [contidas] nas línguas*, doravante *Brevis*), ambos de 1710, o *De origine francorum* (*Sobre a origem dos francos*, doravante *De origine*), de 1715, dentre outros. As ligações e implicações filosóficas destas obras vêm sendo nosso objeto de trabalho e estudo, o que pode ser acompanhado nas presentes notas. Além de já termos concluído uma tradução dos *Essais de Teodicée* e a dos *N.E.*, publicamos a tradução comentada do *Brevis* (*Kairos Revista de Filosofia & Ciência – Universidade de Lisboa*, nº 4, 2012, pp. 119-149), de outras duas cartas a Sparvenfeld (ambas de 1697) e estamos acompanhando a tradução do *De origine*. A tradução proposta aqui foi feita a partir da obra: LEBNIZ, Gottfried Wilhem. *Allgemeiner, politischer und historischer Briefwechsel*. Hanover:

Hrsg.von Leibniz Archiv der Niedersächsischen Landesbibliothek, vol. 15, 1923 (vol. 12, pp. 566-570), e cotejada com a *L'Harmonie des Langues* (edição apresentada, traduzida e comentada por Marc Crépon. Paris: Éditions du Seuil, Janeiro 2000, pp. 220-224). Todo esse trabalho de Leibniz evidencia que não se tratava mais da época do *Crátilo* de Platão (427-347 a.C.) e que a discussão sobre se as línguas são por natureza (opinião do personagem Crátilo) ou *ex instituto* (por convenção, opinião do personagem Hermógenes) e da diferença entre a ciência de raciocinar, de julgar e inventar e as etimologias das palavras ou uso das línguas tinha de passar pelas novas descobertas da etimologia e filologia, ou melhor, da história das línguas; o que, por fim, fez soar um tanto ridículas as desatualizadas observações do filósofo inglês John Locke que, no livro III (*Of Words*) do seu *Um ensaio sobre o entendimento humano* (1690), não fazem qualquer menção a este imenso trabalho que vinha sendo feito na época.

2 Leibniz se refere a Paulus Salodius Piasecius (ou PIASECKI, 1579-1649), bispo de Chelm, e a Matthaeus Praetorius (1635-1704), pastor protestante que escreveu a obra *Orbis Gothicus* (*Mundo Gótico*) entre os anos 1688 e 1689.

3 A este respeito, Leibniz fará a seguinte observação no *Brevis*: “eu assumo o seguinte axioma: ‘todos os nomes que chamamos de próprios foram, algum dia, denominações (*appellativa*)’”. Nesse sentido, o termo *appellation*, referente ao termo latino *appellatio*, que traduzimos por “denominação”, equivale ao termo “apelativos”, isso é, substantivos comuns que denominam classes de seres definidas por um conjunto constante de propriedades comuns.

4 Leibniz se refere ao romano Públio (ou Caio) Cornélio Tácito (c. 55-120 d.C.). Este historiador, o qual exerceu, dentre outras, as funções de orador e cônsul, é autor de *Germânia*, obra considerada incrivelmente precisa para a época por apresentar uma descrição minuciosa desta região e de seus povos. A este respeito, Leibniz lembra no *Brevis* que: “Tácito considerou os sármatas a partir dos germanos próximos; e, assim, ele evidenciou ter compreendido [, sob esta designação,] os povos que depois foram chamados de ‘eslavônicos’, nos quais incluímos os russos, os poloneses, os boêmios, os moravos, os búlgaros, os dálmatas (os de hoje, evidentemente) e outros eslavos habitantes do mar Adriático”.

5 Não conseguimos saber a qual “sábio amigo” Leibniz se refere.

6 Mantivemos os termos nórdicos e latinos a fim de explicitar o caráter alusivo das explicações etimológicas de Leibniz. No alemão contemporâneo, *Hahn* significa “galo” e *Huhn* “galinha”; enquanto, em latim, *ille* significa “ele, aquele” e *illa* “ela, aquela”.

7 No *Brevis*, Leibniz menciona outros dois investigadores importantes da língua germânica que vale lembrar aqui: Gerardus Meierus (ou MEYER; 1646-1708), teólogo, filósofo e linguista de Bremen que, certamente, foi um de seus correspondentes mais importantes e que compôs o tal *Glossarium linguae saxonicae*; e Johan Schilter (1632-1705), juriconsulto e historiador que escreveu um *Thesaurus antiquarum teutonicarum* (1728); na mesma obra, Leibniz lamenta a morte de ambos.

8 Leibniz se refere ao sueco Olaus ou Olof Veleius (1618-1682), autor das obras *Epitomarum Historiæ Svio-Gothicæ libri quattuor* e *Gothorum extra patrium gestarum libri duo* que, dos anos 1672 a 1681, polemizou com o alemão Johnnes Schefferus (1621-1679), autor da

obra *Lapponia: id est, regionis lapponum et gentis nova et verissima descriptio* (1673); a polêmica se deu por conta de defenderem posições contrárias quanto à localização do templo de Uppsala, na Suécia.

9 Mais acima, no início da carta, Leibniz falou da *connexion des langues* e agora formula uma de suas hipóteses gerais segundo a qual aquela permitiria compreender a *connexion des nations*. O *Brevis* (como o *De origine*) será a própria expressão dessa hipótese, pois nele Leibniz vai reafirmar essa tese do seguinte modo: “Visto que as ‘origens dos povos’ [mais] remotos estão para além da História, as ‘línguas’, em seu lugar, são os monumentos dos [povos] antigos”. A busca de evidências para a defesa da hipótese segundo a qual as origens das nações podem ser compreendidas a partir das línguas será o motivo do pedido de Leibniz a Sparvenfeld no final da presente carta. Este “além da História” talvez se associe à perda da unidade das línguas após a inundação, o dilúvio, como diz o final da carta. Nos *N. E.*, parte do fundamento da unidade das línguas que permitiria compreender a unidade perdida das nações é expresso do seguinte modo: “não há nada nisto que vá contra ou não favoreça preferivelmente a opinião da origem comum de todas as nações, e de uma língua radical e primitiva. (...) se tivéssemos a língua primitiva em sua pureza, ou conservado o suficiente para ser reconhecível, seria preciso que aí aparecessem os motivos das conexões, sejam físicas, sejam de uma instituição arbitrária, sábia e digna do primeiro autor [Deus]” (*N.E.*, livro III, cap. II, § 1). O que significa que a conexão que serve de base para a ligação entre as nações tem um fundamento que compreende as línguas em geral e que, até certo ponto, permitiria pensar que mesmo a diversidade das línguas não foge ao “princípio de razão suficiente” (em uma carta de 29 de novembro de 1697, também a Sparvenfeld e sobre o mesmo assunto, Leibniz afirmará que “não existe nada sem

razão”) e à “harmonia preestabelecida”, que parecem estar expressos em uma infinidade de onomatopeias conservadas nas línguas, evidências históricas daquela unidade, perdida para a História, das nações e da existência de uma única língua.

10 As investigações que tomam como ponto de partida os *dialectes nouveaux particuliers* estariam na contramão da hipótese de uma única língua primitiva; no *Brevis*, Leibniz esclarece que “devido ao intervalo entre os tempos e, do mesmo modo, entre os lugares, primeiro os dialetos e por fim as línguas são mudadas”. Exato fundamento para o fato do dialeto dos antigos godos ser tão diferente do germânico moderno (cf. também: *N. E.*, livro III, cap. II, § 1).

11 Trata-se do médico e estudioso do flamengo Jean Bécan van Gorp (1518-1572), conhecido como Goropius Becanus; por conta de suas etimologias “estranhas e frequentemente ridículas”, Leibniz chega a produzir o neologismo “goropisar” (*N.E.*, Livro III, cap. II, § 1); suas pesquisas sobre a antiguidade das línguas germânicas se encontram na obra *Hermathena*, publicada em 1580.

12 Leibniz se refere aos habitantes de Moscou; ele fará a mesma observação no *Brevis* e lembrará que, com muita facilidade, os vênedos, antigo povo eslavo, se apresentavam como intérpretes dos moscovitas.

13 Considerado o apóstolo dos godos, o bispo Úlfilas (do gótico Wulfila, c. 310-383) foi o criador do *Codex argenteus* “O livro de prata”, um famoso documento manuscrito feito em letras prateadas e que contém parte da “tradução” da Bíblia para a língua gótica; a partir dos caracteres criados pelo próprio Úlfilas.

14 Província espanhola situada ao norte do País Basco.

15 A partir do *Brevis*, podemos nomear pelo menos dois dos eruditos a quem Leibniz faz referência aqui; lá ele afirma: “não pude encontrar no ‘persa’ tanto germânico quanto Elichmann [e] Saumaise disseram, com uma quase exceção da [palavra] *God*”. Leibniz se refere ao médico alemão Johann Elichmann (c. 1600-1639) e ao humanista francês Claude Saumaise (1588-1653), ambos filólogos com interesse pelas línguas orientais. Num estudo de 1640, Elichmann já havia usado a expressão *ex eadem origine* (a partir de uma fonte comum), para as línguas europeias indo-iranianas; este médico alemão foi um dos primeiros a afirmar a existência de um parentesco entre o germano e o persa; ainda que muito pouco tenha publicado em vida, as suas ideias tiveram alguma difusão nos meios eruditos, em especial sua tese de que há uma raiz comum para as línguas iraniana, alemã e grega.

16 Essa afirmação não deixa dúvidas de que Leibniz busca investigar as evidências da existência de uma língua (histórica e não-artificial) a mais universal, o que coincidiria com a mais primitiva e de uma única nação original; por isso mesmo, tal investigação busca aquilo que fundamentaria a própria “língua de Adão” e, a esse respeito, o *Brevis* tem início com a seguinte observação: “De fato, as línguas nem surgiram *ex instituto* [nem], por assim dizer, foram estabelecidas por alguma lei, mas por um certo ímpeto natural nascido dos homens que assim ajustam as paixões aos sons. Eu excluo [desta caracterização] as ‘línguas artificiais’ (...), nas línguas nascidas pouco a pouco conforme a ocasião, os vocábulos surgem a partir da analogia do som emitido (*vox*) com as paixões (*affectus*); de tal forma que a sensação acompanha a coisa. Tenho para mim que não foi de outro modo que ‘Adão’ atribuiu os nomes”. Trata-se, evidentemente, de parte da resposta à “questão das escolas” referente ao significado das palavras ser arbitrário (*ex instituto* – por

convenção, cf. *N.E.*, livro III, cap I e II) ou a partir de uma necessidade natural, lembrada pelo filósofo inglês John Locke (1632-1704) em seu *Um ensaio sobre o entendimento humano* e que fora o tema do diálogo *Crátilo* (383a) de Platão (427-347 a.C.) e parte do *De interpretatione* (16a 20) de Aristóteles (385-322 a.C.); tal questão foi bastante debatida pelos filósofos, especialmente depois da associação a outro problema formulado por Porfírio (233-310) em seu *Isagoge*, a partir da qual que se origina a “Querela dos Universais” que, de forma muito semelhante, será discutida por Leibniz a partir do capítulo III do livro III dos *N.E.*, isso é, segundo a opinião de Locke, após a discussão dos aspectos mais materiais das palavras.

17 Corresponde aproximadamente à região que, hoje em dia, é chamada de Sibéria.

18 Portanto, todo problema é que o momento histórico original talvez esteja, como ele mesmo dirá a seguir, “num passado muito longínquo”; por isso mesmo, o ponto de partida mais firme para traçar a história das conexões das línguas, mas que não impede a conjectura da existência de uma língua original, tem de ser o momento imediatamente posterior ao dilúvio. Nesse sentido, Leibniz afirmará no *Brevis*: “Dividimos, não incorretamente, as línguas derivadas de uma [língua] antiga largamente difundida em duas espécies: as ‘japéticas’, como assim foram chamadas, e as ‘aramaicais’. As japéticas difundiram-se pela [região] setentrional, as aramaicas [pela] meridional; de fato, considero toda a nossa Europa [como pertencente à região] setentrional. Daí que se as setentrionais se referem a Japhé, as meridionais, não sem razão, serão atribuídas aos descendentes de [seus] irmãos ‘Sem’ e ‘Cam’”. A partir da tradição bíblica que considerava todos os povos do mundo como descendentes dos três filhos de Noé, ou seja, Sem, Cam

e Japhé, os descendentes de Japhé teriam se dispersado pelas margens do Mediterrâneo, da Europa e da Ásia Menor, pelo norte da Europa e por uma parte considerável da Ásia; por isso, Japhé seria considerado o ancestral dos diferentes ramos da grande família indo-germânica. Portanto, seria das línguas jaféticas, como quer Leibniz, que derivam a língua dos cíticos e a dos celtas, conseqüentemente, todas as línguas europeias; não será sem razão, pois, que ele buscará as evidências históricas da conexão entre a língua germânica e a cítica, e é justamente por conta da defesa dessa hipótese que o linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. (*in: História da lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 26) considerou Leibniz como um dos mais importantes fundadores da Linguística Histórico-Comparativa.

19 O sueco Bengt Skytte (1614-1683), autor de um *Sol praecipuarum linguarum subolarium*, encontrou-se com Leibniz em 1667.

20 Leibniz se refere ao autor do livro *Anticluverius, sive Scriptum brevi Johanni Cluverio* (publicado em 1685), o sueco Georg Stiernhielm (c. 1592-1672); nesse livro, Stiernhielm sustenta a tese de que a origem e a sede mais antiga dos godos estão na Escandinávia, o que vai contra a opinião de Philipp Clüver (ou Cluverio, 1580-1622), historiador e geógrafo alemão e considerado o fundador da Geografia Histórica, que, no livro *Germaniae antiquae libri tres*, publicado em 1616, situava os godos na antiga Germânia.

21 Apesar de ambas as conjecturas serem consideradas bastante plausíveis, Leibniz oferece aqui uma razão para desconsiderar o fato que a língua sueca, a de Sparvenfeld, seria mais antiga que a germânica: o fato de a Suécia estar em uma região mais alta daria a “falsa” impressão, após o dilúvio, de que ali estaria a língua mais primitiva; com isso Leibniz atingia a hipótese básica da obra *Atlantida*, do também sueco Olaus

Johannis Rudbeck (1630-1702), quanto a este último e sua obra vide nota 42.

22 Os nativos das terras do Norte.

23 Lê-se aqui “normando” em seu sentido etimológico: “homem do Norte”

24 É assim que, no *Brevis*, Leibniz irá se referir às “amostras” conservadas por Heródoto (484-425 a.C.) quanto aos povos cíticos.

25 Não conseguimos saber de quem exatamente se trata.

26 Trata-se, de acordo com o §V da presente carta, do teólogo inglês Thomas Smith (1638-1710), a quem Leibniz havia escrito uma importante carta em fevereiro de 1695.

27 Trata-se do protestante esloveno Adam Bohorič ou Adamus Bohontz (1520-1598) que ficou conhecido por ter estabelecido as regras do alfabeto esloveno, ter escrito *Articae horulae succisivae* e a primeira gramática eslovena, publicada na mesma época que a primeira tradução da *Bíblia* para essa língua e que foi feita por Jurij Dalmatin (1547-1598). Leibniz também parece mencionar aqui a *Grammatica Russica*, escrita em latim pelo alemão Heinrich Wilhelm Ludolf (1655-1710) e publicada em 1696.

28 Leibniz se refere ao filósofo alemão Johannes (ou Johann) Clauberg (1622-1665) que, dentre outras, escreveu uma *Logica vetus et nova* e um breve ensaio intitulado *Ars Etymologica Teutonum*, onde anunciava a redação de uma grande obra sobre a língua alemã, a *De causis linguae germanicae*; o manuscrito inacabado era composto de cinco volumes.

29 Leibniz se refere a Henry Neville (1620-1694), que tinha falecido recentemente, e ao seu livro *The isle of Pinos*, uma espécie de utopia nada realista publicada em 1668, cuja ideia básica ligava-se a supostas cartas escritas por um viajante que teria descoberto uma ilha paradisíaca no hemisfério sul; cartas que narravam os estranhos costumes de seus habitantes. As desconfianças de Leibniz também se fundam no fato que, em 1647, já havia sido publicado outro livro de Neville, o *The Parliament of Ladies*, uma sátira bastante exagerada do parlamento inglês. O que Leibniz mencionará mais à frente, quanto à ligação de Neville com a França, também era verdade.

30 Vale mencionar o seguinte, segundo Marc Crépon (*op. cit.*, p. 151, nota 1), a partir de 1695, Leibniz trocou várias cartas com Sparvenfeld, elas devem ter se intensificado após ter terminado de escrever os *N.E.* ou eles estavam concluídos desde então, já que lá (especialmente no livro III, cap. I e II) ele não é mencionado; de qualquer modo, além de ter escrito a obra *Lexicon Slavonicum* e de ter feito um famoso mapa da Sibéria, de 1709 a 1712 Sparvenfeld passa a trabalhar para a Academia de Ciências de Berlim na elaboração de um alfabeto universal (talvez a partir de seu *Vocabularium Germanico-turcico-arabico-persicum*), justamente por seu vasto conhecimento de várias línguas.

31 Leibniz se refere ao professor de grego Gerard Jean Vossius (ou Voss, 1577-1649), que escreveu o dicionário etimológico mencionado, e ao orientalista François de Mesgnien Meninski (1623-1698), que escreveu um *Thesaurus linguarum orientalium*, publicado em 1680.

32 Cidade que é a capital do distrito de mesmo nome, Wolfenbittel, localizada no norte da Alemanha; lá residiram os duques de Brunswick e lá, por muito tempo e muitas vezes, ficaram Leibniz e Matthaeus Praetorius, que será mencionado mais à frente.

33 Tendo em vista que a língua comum dessa época era o latim e a fim de respeitar a heteroglossia do texto original, escrito em francês (língua que ao lado do tradicional latim despontava como difusora do pensamento filosófico da época), preferimos manter a tabela no original e apresentar uma possível tradução em nota: (Primeira) “[O] *u* em italiano se escreve *u*, em francês *ou*, em inglês *u*, em holandês *oe*, em grego  $\omega$ . [Enquanto]  $\ddot{u}$  em francês [se escreve] *u*, [e] em grego *u* [ípsilon, o antigo üpsilón].”, (segunda) [O] *u* significa o mesmo para os italianos (certamente aquilo [mesmo] junto aos alemães), mas para os franceses a mesma letra se refere a  $\ddot{u}$  (ou aquilo que junto aos alemães é  $\ddot{u}$ ). [Enquanto] *ou* dos franceses significa o mesmo que o *u* para os alemães”. Evidentemente esse tipo de trabalho, inclusive de comparação sonora entre as línguas, contribuiu em muito não só para a defesa da importância das onomatopéias mas também para a transcrição fonética, esse tipo de tabela já anuncia o raciocínio que guiou a elaboração do alfabeto fonético criado pela Associação Fonética Internacional.

34 Assim como Sparvenfeld e Celsius (como se verá na nota 40), o teólogo Erik (ou Henric) Benzelius, o jovem, (1675-1743) era sueco e orientalista, e igualmente foi também um importante correspondente de Leibniz.

35 Otfried de Wissemburgo (c. 800 – depois de 870), clérigo alemão, é o autor de uma série de obras e comentários bíblicos; seu *Liber evangeliorum*, escrito entre os anos 850 e 870, é composto em versos rimados e tornou-se uma das maiores obras da literatura alemã antiga. O monge alemão Notker III, ou Notker Teutonicus ou ainda Notker Labeo (950-1022), escreveu um *Thesaurus antiquitatum teutonicarum*, também traduziu do latim para o alemão quatro obras de bastante interesse para Leibniz, especialmente para a confecção da Teodiceia, *Categorias* e *De*

*interpretatione* de Aristóteles, *De consolatione philosophiae* de Boécio e o *De nuptiis Philologiae et Mercurii* de Martianus Capella. O jurista alemão Johann Schilter (1632-1705) terminou de editar o *Thesaurus* de Notker somente em 1728 contrariando o que Leibniz gostaria que acontecesse.

36 Vide nota 15.

37 Franciscus Junius, o jovem (assim chamado para ser diferenciado do seu pai; c. 1589-1677), é considerado um dos maiores especialistas no que diz respeito às origens das línguas germânicas, publicou em 1665 seu *Quatuor D.N. Jesu Christi evangeliorum versiones per-antiquae duae, gothica scilicet et anglo-saxonica*, que compara o texto gótico e o texto anglo-saxônico dos evangelhos; com base nesse trabalho, ele constituiu um *Gothicum Glossarium, quo Argentei Codicis vocabula explicantur et illustrantur*, publicado em 1664.

38 Leibniz se refere ao sueco Olof Celsius, o velho (1670-1756), linguista estudioso do alfabeto ou das letras chamadas rúnicas (utilizadas até por volta do sec. XI, principalmente na Escandinávia), dentre outras ocupações, e ao seu pai Magnus Nicolai Celsius (1621-1679). Em 1698, Celsius escreveu uma carta ao italiano Antonio Magliabechi (1633-1714) intitulada *De runis helsingicis*, a qual Leibniz se refere, escreveu também uma *Historia linguae et eruditionis Arabum* e um *Monumenta runica, in quibus mentio habetur hierosolymae, ad christianos sunt referenda*.

39 Leibniz mencionará mais vezes tal francês; parece-nos que ele se refere a Claude Chastelain (1639-1712), abade francês que elaborou uma lista de nomes de santos, organizada segundo suas origens, em seu *Vocabulaire hagiologique*, à qual foram associados os textos “As origens

francesas” de Pierre de Caseneuve (1591-1652), o *Discurso sobre a ciência das etimologias* do padre jesuíta Pierre Besnier (1648-1705), e acrescentada a obra *Origines de la langue française* de Gilles Ménage (1613-1692); obra reeditada em 1694 (cf. Carta a Sparvenfeld 29/01/1697). Quanto ao título da obra de Chastelain, teríamos algo como *Les* (ou *De*) *origines des gentis* (ou *nations*), e em latim teríamos algo como *De originibus gentium* (ou *nationum*), ou seja, pelo título, vê-se que se trata do mesmo assunto tratado no *Brevis* e no *De origine francorum*, de questões que Leibniz tinha muito interesse em enfrentar.

40 Leibniz se refere ao médico e erudito sueco Olof Johannis Rudbeck (1630-1702) que, entre os anos de 1679 a 1702, escreveu a obra *Atlântica* onde sustentava a hipótese que a língua sueca era a língua de Adão, ou seja, a primeira, a mais antiga língua. Sobre a língua de Adão, vide nota 18, cf. *N.E.*, livro II, cap. XXIX, §7, e livro III, cap. II, § 1, e cap VI, §27, *Brevis*, p. 2, da versão original e a Carta a Sparvenfeld 29/01/1697. Em sua obra *Atlântica*, Olof defendia que a Suécia era a Atlântida de Platão e o berço da civilização. Leibniz se opôs também a Paul-Yves Pezron (1639-1706), eleito abade da Charmoye em 1697, por defender que os alemães não teriam origem nos celtas; filólogo e cronologista, Charmoye foi o autor de um livro intitulado *Antiquité de la nation et de la langue des Celtes, autrement appelés Gaulois* (Paris 1703) (cf. *Teodiceia*, II, §143).

41 *Kelten* é celta em alemão, o vernáculo de Leibniz.

42 Essa tese Leibniz a menciona muitas vezes no *Brevis*, na *Teodiceia* ela também faz o pano de fundo dos parágrafos 136 a 144 da segunda parte.

43 Leibniz faz lembrar o poema de Décio Júnio Juvenal, ou simplesmente Juvenal (c.55-127 d.C.): “*quibus arte benigna et meliore luto finxit praecordia Titan* (as melhores coisas o Titã (Prometeu) modela a partir da lama)” (*Sátira*, XIV, v. 34-35).

44 Trata-se aqui das críticas de Leibniz ao modo como eram interpretadas uma série longa de mitologias, “antigas histórias”, Sagas ou Eddas, que se referiam à origem dos povos da Europa; elas são repetidas em muitos momentos do *Brevis*, dos *N.E.* e da *Teodiceia*. Mais acima, Leibniz se refere ao alemão Johannes Trithemius (1462-1516), certamente se lembrando de sua obra *De origine gentis francorum compedium* de 1514 que, segundo Leibniz, se valia inadequadamente de falsas mitologias. Quanto ao termo Eddas, Edas ou simplesmente Edda, é o nome dado a um conjunto de textos encontrados na Islândia, escritos em nórdico antigo e preservados no manuscrito *Codex Regius* do século XIII, texto que permitia iniciar o estudo e a compilação das “histórias” referentes aos personagens da mitologia nórdica. As Eddas são fragmentos referentes à antiga tradição oral escandinava. Foram divididas em Eddas prosaica ou de Snorri (uma referência ao poeta guerreiro islandês Snorri Sturson, 1179-1241) e Eddas prosaica ou de Saemund. Quanto ao “vocábulo germânico” “Saga”, que Leibniz lembra no *Brevis* como referente a “histórias extraordinárias”, “narrativas” ou “fábulas”, aqui ele certamente está se referindo à lendária saga islandesa dos Volsungos (descendentes do rei Volsung) que fala sobre a origem, auge e declínio daquele clã e que inclui a história de Sigurd e Brunilda e a da destruição dos burgúndios; segundo a mitologia nórdica, Volsungo era bisneto do próprio Odin, e foi seu bisavô que assegurou seu nascimento. Vale lembrar que o poema épico alemão medieval *Das Nibelungenlied* foi escrito a partir das mesmas histórias, que eram conhecidas em todas

as terras germânicas desde o início da Idade Média; no *Brevis Leibniz* tratará dessa “história antiga”. Será a partir dessas informações e textos, mais as informações extraídas dos textos de Plutarco, Heródoto e Tácito, que Leibniz traçará, na *Teodiceia* (II, §§136–143), a história da ligação entre as nações celto-cíticas e a nação germânica, o que garantiria que esta é a mais antigas da Europa.

45 Vide nota 13.

46 Leibniz certamente se refere a Adrianus Rodornius Sctieckius (ou Adriaan van Schrieck, senhor de Rodorne, 1560–1621) que escreveu a obra *Originum rerumque celticarum et belgicarum*, publicada em 1614.

47 Talvez Leibniz esteja se referindo a alguém da família, da Academia que levará seu nome, ou ao próprio Príncipe Konstanty Wasyl Ostrogski (1526–1608), por conta da exigência que este fez, ortodoxo e eslavo que era, de que a Bíblia fosse ensinada na língua eslava. Em 1571, Konstanty cria a Academia Ostrog, que publicará uma *Bíblia Ostrog* em 1581, um importante documento do cristianismo ortodoxo moderno.

48 Leibniz se refere ao lituano Matthaëus Praetorius (1635–1704), pastor protestante, que escreveu a obra *Orbis Gothicus* entre os anos 1688 e 1689.

49 Leibniz se refere ao padre francês oratoriano (ou da oratória) Louis Thomassin d’Eynac (1619–1695), que escreveu a obra *Glossarium universale hebraicum*, publicada somente dois anos após sua morte; segundo Leibniz, nessa obra Thomassin pretendia fornecer a harmonia das línguas e, ao relacioná-las todas ao hebraico, mostrar que o gênero humano vinha todo de Adão (vide nota 18 e 42).

50 Leibniz se refere ao pastor huguenote Samuel Bochart (1599-1677) que escreveu em dois volumes a obra *Geographia sacra seu Phaleg et Canaan*, publicada em 1646.

51 Filólogo e historiador sueco Ericus Johannis Schroderus (c. 1608-1639), ele escreveu a obra *Lexicon latino-scondicum*, publicada em 1637, e o *Dictionarium quadrilingue: suedicum, germanicum, latinum, graecum*, ao qual Leibniz se refere aqui.

52 Não conseguimos saber a quem Leibniz se refere, todavia é notória a previsão de Leibniz quanto à importância que a decifração de códigos ou o que chamamos atualmente de criptografia assumirá especialmente nos momentos de guerra.

53 Leibniz se refere ao médico e escritor sueco Magnus Gabriel von Block (1669-1722) que, a partir de 1693, fizera uma viagem de estudos pela Europa, viagem que parece ter terminado somente em 1700, quando, ao regressar à Suécia, casa-se com Anna Christina von Düben.

54 Possivelmente é uma referência ao diplomata Henrik Brenner, ou Henricus Brennerus (1669-1732), que escreveu a *Epistola ad Ericum Benzeliium de presenti statu quarundam gentium orientalium*, endereçada, pois, a Erik Benzelius, teólogo sueco correspondente de Leibniz (vide nota 36). Contudo, tão amplos são os interesses de Leibniz, também pode se tratar do pintor, arqueólogo e numismatógrafo Elias Brenner (1647-1717), também sueco, marido de Sophia Elisabeth Brenner (1659-1730), que escreveu o *Thesaurus nummorum sue-gothicorum*.

55 Leibniz parece se referir às cartas do cretense Cirilo Lukaris (1572-1638), patriarca de Alexandria e de Constantinopla e

um importante defensor da reforma da igreja ortodoxa, e ao chanceler sueco Axel Gustafsson Oxenstierna (1583-1654) que, dentre outras coisas, desempenhou importante papel na guerra dos trinta anos.

56 “Seke” ou “Sekke”, a partir de “go-seike” ou “go-sekke”, é um termo coletivo que designa o membro da família do clã Fujiwara; membro que assumia a posição “sekkan” na Corte Imperial de Kyoto, no Japão. Tendo em vista a época, Leibniz certamente se refere a algum membro da família Tokugawa.

57 Leibniz certamente se refere ao primeiro imperador da Rússia, Pedro O Grande (1672-1725), que desde 1697, com a Grande embaixada, vinha buscando apoio junto a algumas nações europeias para suas investidas contra o Império Otomano, do qual já havia conquistado a cidade de Azov em 1696, e que derrotaria a Suécia em uma guerra que durou de 1700 a 1721, cujos indícios são o motivo da observação de Leibniz aqui, sobre o que ele se enganou.

58 O holandês Nicolaas Witsen (1641-1717) foi, dentre outras coisas, um dos diretores da Companhia Holandesa das Índias Orientais e, por conta de suas muitas viagens, fez um mapa detalhado da parte setentrional e oriental da Europa e da Ásia, desde a Nova Zembla (na Rússia) até a China.

59 Leibniz certamente se refere aos membros da dinastia Qing (Manchu), que governou a China de 1644 a 1912; tendo em vista que Kangxi, segundo imperador absoluto da China, já havia vencido a resistência Ming (a dinastia anterior) desde 1669, e que ele viveu entre 1661 e 1722, a notícia mencionada certamente era falsa. Essa passagem é uma das que demonstra o grande interesse de Leibniz por todo o Oriente, especialmente pela China.